

---

*Tradução: a prática da diferença.*  
Organização de Paulo Ottoni.  
Campinas-SP, Editora da Unicamp  
– FAPESP, 1998, 160 pp.

---

O volume organizado por Paulo Ottoni traz na capa a marca do direcionamento dos trabalhos que contém: a fórmula derridiana *différence-différance* e o nome das tradutoras no mesmo universo e na mesma tonalidade que o nome dos autores.

Apresenta, pois, desde o início, aquelas que serão as linhas de reflexão em torno da tradução ao longo da obra, abordando desde a questão do gênero à psicanálise, passando pela filosofia. A tradução e o papel do tradutor são colocados em discussão nos sete textos que apresen-

tam, por sua vez, uma característica comum: são traduções, realizadas por alunas de pós-graduação da Área de Tradução do IEL-UNICAMP, de textos da autoria de Jacques Derrida – dois deles – Barbara Johnson, Lori Chamberlain, Alan Bass, Ginette Michaud e Martin Thom.

O primeiro texto, de Jacques Derrida, é “Carta a um amigo japonês”, traduzido do francês por Érica Lima. Trata-se de uma carta que o autor escreve a um estudioso japonês abordando, a partir da dificuldade de se traduzir o termo ‘desconstrução’ em língua japonesa, a questão da tradução da própria desconstrução. Tradução que define e definição que traduz. O leitor encontra nesse texto uma apresentação de conceitos envolvendo a desconstrução a partir da surpresa que o autor revela ter tido com a

*fortuna* do termo utilizado sem muita pretensão em um de seus escritos. Derrida chega a colocar a questão da seguinte forma: “o que a desconstrução não é? É tudo! O que é a desconstrução? É nada! (p. 24). O que retoma, sob outra forma, uma afirmação anterior do autor: “toda frase do tipo ‘a desconstrução é X’, ou ‘a desconstrução não é X’, carece, a priori, de pertinência”. (p. 24).

No segundo texto, “A fidelidade considerada filosoficamente”, de Barbara Johnson, que Lenita Esteves traduziu do inglês, estão em jogo reflexões que interligam a tradução ao casamento, para, num tom a princípio bastante irônico, discutir a idéia da fidelidade. Mas engana-se quem pensa que a autora vai tratar das *belles infidèles* ou das polêmicas em torno do ‘ser ou não ser’ infiel numa tradução. Mais do que isso, o texto aponta para as relações entre filosofia e tradução, e articula-se em torno do pensamento de Derrida no eixo língua-filosofia-tradução – não necessariamente nessa ordem. Tanto isso está presente, que a autora chega a afirmar que “realmente, todo o empreendimento filosófico de Derrida pode ser visto como uma análise do processo de tradução que atua em qualquer texto” (p. 31).

No texto seguinte, traduzido do inglês por Norma Viscardi, estão em

jogo “Gênero e a metafórica da tradução”, de Lori Chamberlain, autora conhecida por adotar o viés feminista em seus trabalhos sobre a tradução. Nesse texto, as relações original/tradução se intersecam às de homem/mulher, fidelidade/infidelidade, buscando criar os vice-versa que nem sempre são vistos/aceitos ou sequer cogitados. Passa-se então da discussão de gênero e tradução, através da análise da metafórica da tradução, à questão subjacente do poder. Poder como controle do Estado, do paterno, do masculino e do original, assim “o conceito de fidelidade é utilizado para controlar o sexo e, na família, para garantir que o filho seja produção do pai, reproduzido pela mãe” (p. 45). A tradução é apontada como feminina, enquanto que o original, como masculino. É na tradução para o português que esse jogo se realiza, mas no texto inglês, embora as marcas do gênero não estejam tão explicitadas, a autoridade do original é colocada no universo do poder masculino, enquanto que a luta do/a tradutor/a pela conquista de direitos está relacionada ao universo feminino. Dessa forma, a autora afirma que “embora obviamente tanto homens como mulheres façam traduções, a lógica binária que nos encoraja a definir o profissional de

enfermagem como feminino e o de medicina como masculino, o de ensino como feminino, e o de altos executivos como masculino, também mostra a tradução, de várias maneiras, como uma atividade de arquétipo feminino” (p. 47). Discute, pois, a questão da tradição masculina e a possibilidade contra a corrente, no entendimento da autora e de outras estudiosas feministas, de “ser uma tradutora dentro e fora da tradição masculina” (p. 51).

Em “A história de um erro de tradução e o movimento psicanalítico”, de Alan Bass, na tradução do inglês de Neuza Vollet, o autor “como psicanalista e tradutor”, pergunta-se “em que medida as observações de Derrida sobre tradução como transformação poderiam afetar as comparações de Freud entre a psicanálise e a tradução” (p. 57). Mergulha-se, pois, completamente na linha de estudos que envolve diretamente tradução e psicanálise, a partir da constatação de um erro de Freud ao traduzir o termo *nibbio* (milhafre) por abutre, no ensaio “Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância”, publicado em 1910. Esse mesmo termo, a partir de outras citações passa a ser identificado com ‘águia’. O autor aponta, pois, para o fato de que “toda vez que ‘águia’ aparecer em itáli-

co, (no texto extraído de um volume da *Psychoanalytic review* que ele reproduz) Freud está falando de abutre (Geier) e Leonardo de milhafre (*nibbio*)” (p. 60). Têm daí seu ponto de partida uma série de reflexões concernentes as diferentes interpretações psicanalíticas da lembrança relatada por Leonardo, e das implicações dos diferentes pássaros utilizados nas diferentes traduções à luz da fantasia leonardiana envolvendo a figura materna e o ato primordial, incestuoso?, da amamentação. Um prato cheio para o autor discorrer sobre transferência, fetiche e simbolismo mitológico, envolvendo Freud, Jung e Pfister, sem deixar de lado a tradução, já que “tanto *übertragen* (transferir) como *übersetzen* (traduzir) podem significar ‘traduzir’ em alemão” (p. 87).

No texto traduzido do francês por Olívia Niemeyer, novamente tradução e psicanálise se fazem presentes, e principalmente enfocando as traduções das obras freudianas. Em “Freud: notas do tradutor ou afetos e fantasmas nos tradutores de Freud”, Ginette Michaud, se detém na “N. d. T.,” que define “pequeno sinal”, na maior parte das vezes, recalcado numa nota ao pé da página, que marca, sempre de maneira significativa, uma falha na tradu-

ção, uma derrota, até mesmo uma “resistência do tradutor, e aonde aflora, mais claramente que em outra parte, a sua angústia” (p.94).

Da apresentação deste problema que poderia chamar em causa outras teorias e outras práticas, o autor parte para seu objetivo principal, que é o de tratar da tradução e da presença da notas do tradutor em textos da autoria de Freud ou sobre suas idéias em psicanálise. Três obras ficam sob sua mira: uma tradução da equipe de Laplanche, um ensaio do tradutor alemão George-Arthur Goldschmidt e a obra do psicanalista Patrick Mahony, “um dos primeiros a abordar em seus textos, em termos analíticos, essa questão da tradução no discurso psicanalítico” (p.95).

Uma vez definido seu campo de atuação, o autor passa a tratar de cada uma das três obras passa é tratada separadamente, estabelecendo com a primeira um diálogo, ou melhor, uma contraposição entre Benjamin e sua metáfora da ânfora versus a equipe de Laplanche e a metáfora do tapeceiro. Na tradução da equipe de Laplanche é também criticada a tradução realizada em grupo sem que nenhum membro se coloque como sujeito tradutor. Quanto à questão das notas, o que o autor critica é o estatuto adotado

nessa obra, de não se utilizar notas, o que acaba por ser quebrado com a utilização de um “p.s.” e de um glossário, sem que este último dê conta “dos conceitos freudianos e obrigando o leitor a retraduzir constantemente o texto que tem sob os olhos” (p.102).

O ensaio de Goldschmidt, *Quand Freud voit la mer*, apresenta “notas e reflexões pontuais sobre a tradução de alguns conceitos-chaves da psicanálise” (p.104), o que parece merecer o aplauso de Michaud, a partir da diferenciação entre termos em francês, que não exprimiriam as mesmas características ou nuances que os termos utilizados por Freud em alemão. Assim, mais do que produzir uma tradução que se adaptaria a um dos moldes já descritos por algum teórico, o tradutor ideal do texto freudiano apontaria “para cada palavra, as variações possíveis e as relações, ou a ausência de relações com o francês” ( p. 105) . O tradutor passaria a realizar uma “exploração anassêmica ascendente” passando pois a escutar “o inconsciente lingüístico que aflora nas palavras, e as diferenças entre línguas que dizem a mesma coisa por vias diferentes” (p. 106).

No último texto abordado, Goldschmidt comenta o livro de

Mahony a respeito do discurso de Freud, evidenciando as possibilidades da tradução que levam em conta “o aspecto flutuante, impulsivo e experimental do texto de Freud” e criticando as “inúmeras distorções e omissões da versão de Strachey” (p.112). Mais ainda, a tradução dos textos freudianos seria para o tradutor “uma forma de experiência analítica, variável em profundidade e em qualidade, segundo o relacionamento particular desse leitor-tradutor, desse e não de outro, com sua própria língua materna e a língua outra/do outro” (p.114).

Os textos de Freud e principalmente as diferentes traduções dos escritos de Freud ocupam também o texto traduzido por Érica Lima e Lúcia Kremer. Trata-se de “*Verneinung, Verwerfung, Ausstossung*: uma questão de interpretação em Freud”, da autoria de Martin Thom, em que termos das situações de análise e da situação da tradução se alternam, se intercalam e se fundem, através dos exemplos e das contraposições entre as diferentes traduções de um mesmo termo. As diferentes interpretações, entre o possível e o possível, na busca, do tradutor como do analista, ou do aprendiz analista como do aprendiz tradutor de somente evitar o inaceitável.

No último dos textos, retorna Jacques Derrida no papel de autor, fechando a arquitetada circularidade do conteúdo desses ensaios e, ao mesmo tempo, marcando a importância desse estudioso cuja presença percorre a totalidade dos textos. Traduzido do francês por Nícia Bonatti, “Teologia da tradução”, propõe a imbricação de filosofia e tradução a partir de um percurso nada simplista através dos meandros do pensamento de Kant, Goethe, Hegel, Benjamin e principalmente Schelling. O discurso derridiano em torno da tradução e da filosofia também deixa rastros naquelas tantas palavras em alemão “que mal podemos traduzir” ou mesmo “impossíveis de serem traduzidas”, ao mesmo tempo que lança ao estudioso da tradução o incomodo do título, mais um enigma a ser decifrado nas entrelinhas.

Nesses sete textos traduzidos, quase uma antologia cujo fio condutor une tradução, psicanálise e filosofia na busca da des/construção da não-síntese pós-estruturalista, o leitor poderá encontrar reunidos conteúdos complexos e profundos, densos de polêmicas e de propostas para a reflexão, que, embora dirigidos a um público leitor já iniciado, com o olhar ajustado ao enfoque pós-moderno sobre a tra-

dução, podem abrir caminhos para que a curiosidade acerca do assunto possa passar de diletantismo a objeto de estudo. São traduções de textos que falam de traduções, de tra-

dutores, do ciente e do inconsciente. Propõem-se como desafio: é pegar ou largar!

Maria Teresa Arrigoni  
UFSC

---